

# questões de todas as dias

por Carlos Serra

Houve muito quem se des- se ao luxo de não «baixar» às preocupações de todos. Chegou mesmo a apontar-se aquele «intelectual» que participasse em tais «ninharias» como um homem que prevalecia.

Para esses, o sinal do «problema importante» estava até em não ser uma «questão de todos nós».

Agora sabemos quanto isso constitui um dos muitos jogos de certos senhores. Aquilo que para eles eram ninharias, apresenta-se como vital, faz que os nossos corpos envelheçam prematuramente, faz que a tuberculose, a sífilis, etc., nos ataquem cada vez mais, faz que a ignorância entorpeça os passos de todos os que poderiam ser os pioneiros do progresso...

«Ninharias» para eles, mas para nós, grandes problemas de todos os momentos e para os quais traremos a solução.

Os jornais e as revistas costumam ter uma secção em que dão notícia das obras recebidas.

E' o que se dá com *O Diabo* e *o Sol Nascente*. Mas não suponham algumas leitoras e leitores que tudo que aí se menciona é bom ou mesmo sofrível.

Se a realidade apresentasse coisas melhores, então podia referir-se apenas o que fosse bom. E' o que se faz para o estrangeiro.

Ora o mais elucidativo é atender-se àquela secção que se destina a apreclar as obras de maior interesse: a secção de crítica.

Não está certo por isso que, uma leitora ou leitor vá comprar um livro só porque viu a sua notícia ou o seu anúncio n' *O Diabo* ou no *Sol Nascente*. E isto teve já lamentáveis consequências.

Torna-se urgente que estas leitoras e leitores mais precipitados pensem em que a crítica não significa dizer mal.

Crítica quer dizer apreciação, avaliação do que é bom

e do que é mau, mas sempre com uma finalidade: a de fazer progredir o homem. Fazer progredir o autor se fôr possível, fazer progredir o próprio crítico e mais do que tudo abrir um caminho à leitora e ao leitor—para que possam contribuir também com a sua acção para o melhoramento comum.

2

Há uma atitude perante as insuficiências da vida que não está de acôrdo com a natureza humana. E' a atitude de se cruzarem os braços, de se deixar correr.

Há outra ainda que é própria das pessoas apegadas a certos fetiches: consiste em se eludirem as dificuldades, em se mistificar a realidade.

Diante dum facto como por exemplo o mau estado duma escola, poderia perguntar-se:

—Que fazer? Cruzar os braços? Mistificar?

Não foi essa a atitude do jornal de Mangualde «Renascimento».

Vejamos as suas palavras: «Assim como um bom operário necessita, para o seu trabalho, de ferramenta apropriada e de boa qualidade, também o professor precisa duma escola ampla e arejada, onde as condições higiénicas e pedagógicas permitam manter a criança num ambiente agradável e salutar.

Para ministrar convenientemente o ensino são indispensáveis certas comodidades e todo o material didáctico que a lei exige, o que infelizmente não se encontra nas escolas de Mangualde e da maioria das terras do concelho.

Já vai longe o tempo em que qualquer trapeira servia de escola e os mais variados e extravagantes métodos de ensino se adoptavam!»

E mais adiante: «Fala-se na construção dum edificio apropriado, que faz parte do projecto das realizações camarárias e, até, na adaptação provisória do velho Teatro, cujas obras foram há tempos iniciadas e interrompidas mais tarde.

O funcionamento das actuais escolas nas condições em que se encontram, representa uma vergonha para Mangualde.

Já não falamos da aglomeração das crianças em salas divididas por simples tabiques de madeira, onde há muitos anos funcionam, em prejuizo reciproco, duas turmas. O resto é miséria e desleixo, que não pode deixar de ferir a sensibilidade dos mais indiferentes.

Quem visitar o pátio da escola masculina fica desolado. Depara, logo de entrada, com a falta do portão principal, falta essa que transformou o recinto em terra de ninguém. As retretes, um pavor e o alpendre que serve de abrigo durante as horas de recreio na época invernososa, foi transformado em depósito de madeiras que serviram nas ornamentações das Festas da Vila.

Salva-se, em parte, a escola feminina, onde os cuidados da professora que reside naquela parte, evitaram o mesmo espectáculo degradante.»

3

Sentindo a necessidade de vermos ventilados os interesses e aspirações regionais vamos procurar todos os dias nos jornais as «correspondências de provincia».

E somos sempre tomados pela mesma desilusão.

«Da janela à rua», «agredida pelo irmão», «vítimas dos gatunos», «acidentes de viação», «casais desavindos», «novo estabelecimento» e outras notas deste género, tais são as preocupações quasi exclusivas dos correspondentes.

Como se a realidade fôsse só aquilo que eles vêem ou desejam!

Que culpa temos de que um seja futil, outro estúpido e outro propositadamente superficial?

Serão as «correspondências» destinadas a defender os interesses e aspirações do público em geral, ou é o público em geral que deverá servir e suportar os senhores correspondentes?

Gostaríamos de poder estudar correspondências mais esclarecidas e honestas.

Porque o correspondente não deverá ser aquele que escreve de vez enquanto um postal para o periódico apenas com o fim de ter a assinatura gratis... Não será assim a maioria?

Não são todos esses, os que só sabem dizer que está chuva ou sol, que há um pouco de vento ou que não há vento nenhum?

Argumentarão:

—Mas que poderíamos dizer, se a vida de aldeia nada tem além do sol, a chuva, o vento?...

E é esta uma das afirmações demasiado generalizadas: «na aldeia não se passa nada». Pois que havia de passar-se senão as belezas naturais sempre semelhantes, o mesmo chiar de carro, a mesma falta de chuva nuns casos e noutros as chuvas de inundação?»

Todavia sabemos bem que não é assim, que se trata duma fuga dos correspondentes diante do alcance extraordinário da obra que poderiam realizar.

Vivem em contacto com outros homens, vivem ao lado das tristezas e das alegrias da grande maioria do nosso povo. Porque, como o revelou o censo de 1930, essa enorme maioria vive no campo e ocupa com as suas freguesias rurais 67,5 % da totalidade do país.

Ora sabendo-se que é principalmente por aí que os 4.627.98 de analfabetos se distribuem, poderá avaliar-se quanto teriam que dizer os correspondentes.

E a higiene? Não terá qualquer deles entrado numa casa em que para se varrer se tem de recorrer à enxada? E a assistência aos partos, a educação técnica agrícola, a divulgação das mais frutuozas experiências?

